

DICKENS E O SENTIDO DA COMPREENSÃO

O Dia – 10 de setembro de 1938.

Dickens não foi apenas um grande escritor. Há em Dickens a alma mais dramática de sua época.

Quando toda cultura vinha da França, ele anunciou o renascimento do espírito inglês desde Shakespeare.

Surgiu inesperadamente, do choque, para falar ao mundo, para trazer uma mensagem íntima de fé.

A Inglaterra era toda Gladstone ou Peel. Londres atraía pelos conflitos no Westminster. Um intelectual de poucos recursos, político ousado e inteligência agitada, pode, para nós, bem resumir a literatura do tempo. Esse homem que foi Benjamin Disraeli refletiu a tentativa de desvirtuamento do que, através dos séculos, ganhou o nome de espírito inglês.

Só Dickens, do recanto pobre onde viveu, menos desgraçado que os seus irmãos de pátria, pôde sentir o que de menos humano e mais real envolvia a faustosa era vitoriana. Coisa curiosa! Sendo o retratista mais perfeito da sociedade inglesa de 1850, Dickens foi um fugitivo no tempo.

A obra de Dickens só pode ser compreendida pelo coração. Parece que veio ao mundo para entender o sofrimento alheio. Quando lemos Dickens, observamos, a cada passo, a luta intensa que manteve consigo mesmo para fugir ao meio, para vencer o meio, para exceder-se.

Considero Dickens um enorme lutador. Um homem a quem pouco contentou a normalidade da vida. Que transpôs o limite do humano. Que sentiu a vida em si, em toda sua vibração, palpitante de tragédia.

Dickens é, para mim, o homem por excelência, aquele que compreendeu e amou, que viveu liricamente pela verdade das coisas e dos seres.

Pois há, na obra de Dickens, o mais completo desdobramento da própria vida. Dickens chegou até ao sofrimento, perscrutou consciências, desvendou o mistério de almas cândidas e criminosas.

Para ele, Dickens, nada é sem valor, nada é desprezível. Em contato com a vida, com a existência humana, aprendeu a amar o inútil, a valorizar o insignificante. A tendência para a verdade e o sentimento da suprema dor de existir tornaram sua obra a mais bela e poética experiência de vida.

Até hoje esse homem extraordinário que tudo soube compreender continua o grande incompreendido. Sabemos quão difícil mesmo é entender pelo coração. Os grandes espíritos se agitam e produzem no contraste. Assim também Dickens.

Mesmo visto de longe, alheio ao seu ambiente de formação intelectual, Dickens continua a parecer o “clown”, o divertido, o superficial, o mundano.

Quem, como ele, chegou a ser o mais humano dos homens, o mais perfeito dos espíritos, o melhor entendedor da vida, o menos artificial, o menos prosaico, o mais lógico, o mais matemático, que chegou a odiar a controvérsia, não podia ter deixado de sofrer, de possuir conhecimento do infortúnio, e de sentir melhor do que outros a dor, a beleza do sofrer humano.

Dickens fez do seu mundo um formidável palco. E ficou, silencioso e sorridente, como único espectador.

Nascido sob o signo da amargura, ganhou alegria na compreensão e no entendimento da vida.

O mundo não lhe foi adverso. Multidões inteiras riram de Dickens, riram de si próprias. Cada novo livro de Dickens era um motivo de gargalhadas. Dickens escrevia sobre a vida, retratava o mundo com carinho e fidelidade, e os homens riam um riso franco e alegre.

Se a humanidade pudesse ao menos compreender, haveria por certo entre os homens menos sofrimento e mais confiança.

Mais do que outro qualquer romancista, teve a vida interior mais dramática que é possível imaginar.

Oxalá pudéssemos interpretar integralmente o espírito desse indivíduo considerável. Nunca Dickens apelou para as negações. A sua existência foi uma afirmativa só. Afirmou, continuou afirmando, viveu e morreu afirmando. Tudo, para que a humanidade pudesse rir, pudesse gargalhar do próprio infortúnio, pudesse blasonar dos seus defeitos e inclinações...

Filho do povo, nascido na miséria, sem pão e sem carinho, ao contrário do que se podia esperar, ele foi um mestre da bondade.

Depois da leitura de Dickens, senti-me bastante diferente: mais homem e mais humano. Li-o de lágrimas nos olhos, sem gargalhar, olhando de perto, o mais próximo possível, os flagrantes vivos que compõem toda a sua obra.

Procurei justificar Micawber, não desacreditar de Copperfield, Pickwick, Toots, Cutters e Murdstone são exemplos de vida.

Fino entendedor, sensibilidade sutil, Dickens representou em minha formação o farol que me encaminhou para o mundo das realidades. Nos primeiros momentos, tudo era inútil, tudo simples aparência, a vida um gozo contínuo e perpétuo.

Com Dickens, o cenário já é outro. Tornamo-nos mais profundos, mais sinceros para com os nossos sentimentos, redimimo-nos perante os nossos semelhantes e perante Deus.

Para Dickens, não há o mal nem há o bem. Tudo é compreensão. Sem compreender, não é possível existir. O homem não mais é aquele ente desprezível e lamentado. Sabe já chorar com verdadeira sinceridade. Sabe já distinguir a dor da alegria. É todo piedade, todo amor, todo crença.

Antes de Dickens, nosso mundo era só aparência. Por isso, nossa existência era uma incessante contradição. Com Dickens, o mundo está nos sentimentos mais elevados, nos sentimentos que aproximam os homens, na estesia pura, na afirmação da beleza da vida. Procura sempre não ficar no plano das angústias

metafísicas. Não fica também somente nos limites da arte. Vai além, mais longe, busca distâncias ignoradas, amplia como Proust ou Dostoiewski o âmbito psicológico dos seus personagens.

Dickens, ao contrário de Balzac, faz obra de consciência, de criação consciente, evitando fantasias, o que está fora da vida, o que não é humano ou foge do homem.

Quando lemos Dickens, o nosso espírito se oprime ante tanta revelação espontânea. Cada um dos seus personagens reproduz cenas reais do nosso costume. Acompanhamos página a página a narração do escritor, presos ao desenrolar angustioso e sentimental.

Dickens aumentou de muito a nossa afetividade, a nossa capacidade de admiração, de veneração pelos nossos iguais, pelos que nos cercam, desde o maltrapilho ao encasacado.

Todo homem tem alguma coisa de bom e elevado. Não é só instinto. É inteligência também.

No dia em que o gênero humano compreender como Dickens, outro será o destino da humanidade. Os homens serão mais honestos, haverá mais beleza pela vida afora, a poesia será do coração, haverá mais amor e inteligência.

Sinto uma admiração intraduzível por essa gente de origem rústica, filhos da humildade, do infortúnio e da desgraça, por esse Dickens que, como tantos outros, apesar dos sofrimentos de origem, ainda acreditam na bondade do homem e na graça divina.

Em contato com a miséria, sentindo fome e falta de conforto espiritual, sua obra podia ser de revolta ou de combate. Não conheceu o desprezo. Seu ideal foi o de um pouco mais de felicidade e alegria. Lutando para viver, procurou a vida no amor. Filho do pecado, buscou na divinização do homem a benção sagrada de Deus.